

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização
Ocidental 10



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 10

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Chegou momento de aprendermos com os pensadores políticos da modernidade. Como as ideias de Rousseau, Montesquieu, Thomas Hobbes e John Locke colaboraram para moldar o mundo tal o conhecemos hoje? E, no caso específico brasileiro, quais os sonhos e percepções de José Bonifácio acerca de nossa nação?

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: o que é contrato social para Hobbes, Rousseau e Locke; como cada um deles percebe o estado de natureza; quais acontecimentos modernos foram influenciados pelas ideias desses pensadores e de Montesquieu; quais características José Bonifácio atribuía aos brasileiros; quais meios pretendia empregar para tornar o Brasil um país civilizado.

INTRODUÇÃO

Chegou o momento de falarmos sobre os pensadores políticos da modernidade, os pensadores do mundo anglo-saxão e do mundo francês, os quais atraíram para si o núcleo de onde surgiram as principais ideias daquela época, do século XVII e XVIII. Montaigne e Shakespeare pertencem aos séculos XVI e XVII. Portanto, avançamos um pouco no tempo. Se tivermos tempo, prosseguiremos até alcançar o século XIX. Abordaremos Thomas Hobbes, John Locke, Montesquieu, Rousseau e os fundadores dos Estados Unidos. Caso seja possível, incluiremos também José Bonifácio. Temos uma visão bem grande, justamente em forma *en passant*, para lhes capacitar a ler as obras que vou mencionar. Então, vou falar tanto dos autores e de obras específicas destes, precisamente para demonstrar isso que falei: foram esses escritores que criaram as ideias políticas que geram, posteriormente, muitos eventos. Por exemplo, Thomas Hobbes é um dos responsáveis pela Revolução Puritana. John Locke, é um dos responsáveis pela Revolução Gloriosa. Eles eram espécies de mentores intelectuais. Hoje, diriam gurus, os gurus dos governos da época. Ambas são revoluções inglesas. Na primeira etapa da revolução inglesa, está Thomas Hobbes e, na segunda, John Locke. Montesquieu¹, por sua vez, é um francês que quer saber por que o sistema inglês

¹ Filósofo (1689 - 1755).

funciona tão melhor do que o francês. Ele estuda esse tema e importa, para França, muitas ideias inglesas, estabelecendo um modo francês de pensar sobre sistema político. O estabelecimento do principal livro dele, “O Espírito das Leis²”, fomenta, juntamente com John Locke, a Revolução Americana. Na Revolução Americana, há outros pensadores que recebem essa herança e vão pensar a seu modo, que são James Madison, Thomas Jefferson, Alexander Hamilton, entre outros.

Depois de transcorridas as revoluções inglesas, fomentadas por Thomas Hobbes e John Locke; a revolução americana, fomentada por Montesquieu e outros pensadores dos Estados Unidos que refletiam a respeito disso; a revolução francesa, fomentada por Jean Jacques Rousseau; essas ideias chegam à América Latina e fomentam as revoluções liberais da América, ou seja, as revoluções de independência, dentre as quais está a independência do Brasil, chamada, por alguns autores, de revolução. Há o impacto de todo esse pensamento aqui.

É uma longa história. Então, vamos começar. A ordem cronológica já está exposta acima.

THOMAS HOBBS, JOHN LOCKE E ROUSSEAU

Começamos no século XVII com Thomas Hobbes³.

Quem foi esse homem? Qual sua principal obra? Qual é o contexto social e político no qual se encaixa?

As duas revoluções inglesas

Durante os reinados de James I e Carlos I, a Inglaterra vive uma situação muito complicada do ponto de vista político, social e religioso. Nenhum desses dois reis conseguiu estabelecer uma certa estabilidade no reino, o que gerou muitas revoltas. Tais revoltas propugnavam que o rei aceitasse uma petição que previa maior respeito por parte do monarca à figura do parlamento, que não estava sendo ouvida. Além disso, havia o problema religioso. Os reis, às vezes anglicanos, às vezes católicos, invariavelmente, ou se perseguiam entre si ou perseguiam, juntos, os puritanos. Os puritanos eram os calvinistas à moda inglesa, que se uniram aos defensores do

² “Do Espírito das Leis”, publicado em 1748, é o livro no qual Montesquieu elabora conceitos sobre formas de governo e exercícios da autoridade política que se tornaram pontos doutrinários básicos da ciência política.

³ Matemático (1588 - 1679).

parlamento em sua revolta contra o rei Carlos I⁴. Ocorre uma guerra que opõe, de um lado, o rei e o seu exército e, de outro, os defensores do parlamento e sua milícia, a qual era composta por exércitos improvisados ligados aos ideais puritanos e parlamentares. Esta é a chamada Revolução Puritana. Os revoltosos vencem o exército oficial, suplantam o rei, e matam-no, arrancando-lhe a cabeça. No lugar de Carlos I, assume o principal líder do grupo puritano e pró-parlamento, Oliver Cromwell⁵. Embora promettesse instituir um governo junto ao parlamento, Cromwell descumpra esse acordo e instaura uma espécie de ditadura. Posteriormente, transfere o governo ao seu filho. Assim, é como se tivesse tirado o rei para colocar, em seu lugar, seu próprio reinado. Essa é a confusão da primeira revolução inglesa. O problema não foi resolvido e foi instituído um governo ditatorial pior do que o anterior. Foi algo bem ruim para a Inglaterra.

O filho de Cromwell, um incapaz, morre. Com isso, há o retorno da dinastia Stuart, com Carlos II e, depois, Jaime II. Uma nova revolução acontece e Jaime II, mais esperto que seu antecessor, foge antes que lhe arranquem a cabeça. Os revoltosos parlamentaristas, por sua vez, também agem mais sabiamente e, em vez de colocarem um de seus líderes para governar, o qual poderia se transformar em um novo monarca absolutista, convocam outros membros da família real, o casal William III e Mary II⁶, para um acordo. Como condição para serem alçados ao trono, os parlamentaristas impõem que precisam acatar a petição de direitos e o poder do parlamento. Este acordo é firmado e a monarquia inglesa se estabelece nesse momento, o qual é chamado de Revolução Gloriosa. Desde então, o sistema funcionou e a monarquia inglesa que conhecemos vêm daí.

Descritas as revoluções, passemos às percepções.

Em um primeiro momento, na Revolução Puritana, o intelectual mais proeminente era Thomas Hobbes, um homem que havia sido tutor de famílias muito importantes e que havia viajado com filhos dessas grandes famílias para os países no entorno. Quando retorna à Inglaterra, com seus sessenta e poucos anos, Hobbes se celebra também como escritor. Seu livro “O Leviatã⁷” é uma reflexão política. Leviatã é um monstro bíblico, o qual chama de o mal necessário. Para ele, era preciso

⁴ Rei da Inglaterra (1600 - 1649).

⁵ Líder político (1599 - 1658).

⁶ Rei e Rainha da Inglaterra (1677 - 1694).

⁷ “Leviatã” ou “Matéria, palavra e poder de um governo eclesiástico e civil”, é um livro escrito por Thomas Hobbes e publicado em 1651. Ele é intitulado em referência ao Leviatã bíblico.

que o governo se assemelha-se a um monstro, porque somente assim seria possível governar. Caso não houvesse um governo que usasse de força para instituir uma visão contratual que faria bem a todos, se não houvesse uma força muito grande, as pessoas não se submeteriam e continuariam vivendo em uma espécie de revolução contínua, um prejudicando o outro.

Pergunta: é mais ou menos o conceito do livro “O príncipe”, de governar pelo medo ou algo do tipo, ou não?

É parecido. “O Príncipe” de Maquiavel é uma obra um pouco anterior, em que o autor reflete sobre a circunstância italiana. Maquiavel era tutor dos Médici e estava tentando instruir uma elite italiana. A Itália não existia tal como é hoje. Eram vários principados e republiquinhas. Maquiavel tinha a visão de que o rei deveria ter uma força para se impor de acordo com sua fortuna, que era como destino mexia com as coisas ali.

Thomas Hobbes não pensa muito sobre esse ponto de vista. Ele não trata tanto do “como?”, da técnica, de como chegar e se manter no poder. Hobbes faz uma reflexão filosófica, na qual afirma que é preciso que alguém tome o poder, seja um grupo seja uma pessoa - ele tinha preferência por essa última opção - e use a força para nele se manter. Então, cria toda uma justificação de por que o governo tinha que ter, nas palavras de Max Weber, que só aparece muito posteriormente, o monopólio da força. Resumindo: enquanto Maquiavel ensina a técnica, o como, Thomas Hobbes explica o porquê.

A estrutura de pensamento dos autores

Eu vou criar uma estrutura para facilitar a visão de todos os autores. Como temos pouco tempo, acho que essas estruturas funcionam. Esses autores pensam sobre os seguintes aspectos:

- 1) Como o homem se comporta sem o Estado, ou seja, sem a sociedade civilizada, sem a sociedade politicamente organizada. Como os homens se comportam sem Estado, sem governo.
- 2) Como deve ser o governo.
- 3) Que espécie de contrato deve existir na transição de uma vida sem um governo organizado e adequado para uma vida com um governo organizado e adequado.

Esses primeiros autores são até chamados de contratualistas, pois propõe uma visão da natureza sem Estado, uma visão do contrato social e uma visão de como o Estado pode ser estável, funcional e justo.

O Estado de Natureza

A resposta dada por Hobbes a essas questões parte de como o homem funciona no chamado estado de natureza, que é o estado sem Estado. A palavra “estado” está sendo usada com dois sentidos diferentes. Em outros termos, é a circunstância do ser humano sem um governo e sem uma política organizada com leis e regras. No estado de natureza, para o Hobbes, as pessoas são naturalmente más umas com as outras. Sem um governo forte, as pessoas tendem a matar, a roubar, a prevalecer, a fraudar, a enganar.

John Locke, teórico da Revolução Gloriosa⁸, tece uma resposta bem diferente. Para ele, os seres humanos têm, de nascença, a noção de direitos naturais. Portanto, por exemplo, as crianças sabem que não se deve roubar o que é do outro. É como se os direitos à vida, à propriedade, à liberdade, viessem implantados em nós, como se Deus nos tivesse dado essas noções. Thomas Hobbes discorda dessa visão e afirma praticamente o oposto, de que a tendência natural é que o homem seja o lobo do homem. Para Locke, o problema é que, sem Estado, sem a organização política, a tendência é que um mal elemento gere toda uma confusão, pois não há segurança. O problema é não haver segurança. Então, uma ou outra pessoa, a minoria, vai acabar rompendo esses direitos naturais e isso vai estragar o todo. Essa situação não vai funcionar porque não vai haver estabilidade. Por isso, é preciso ter um contrato também. Uma espécie de contrato da sociedade inteira, para que as coisas funcionem de tal modo e para que a segurança desses direitos seja estabelecida.

Muito posteriormente, no século XVIII, aparece Jean Jacques Rousseau⁹, com ideias igualmente diferentes. Para Rousseau, no estado de natureza, o homem nem é o lobo do homem, nem é um sujeito com algumas noções de direito natural, as quais pode romper por ser mal¹⁰. No estado de natureza, para Rousseau, o homem é bom. Ele tem instintos e sentimentos bons. É o bom selvagem. Rousseau deve ter lido Montaigne e gostado dos tupis brasileiros. Ele entendia que os homens que vivem na

⁸ Filósofo (1632 - 1704).

⁹ Filósofo (1712 - 1778).

¹⁰ O ser humano é bom em sua natureza e a sociedade o corrompe.

selva, vivem segundo sentimentos da natureza. E o Deus da religião, na verdade, é falso. O Deus é o Deus da natureza. Rousseau fazia parte de uma espécie de religião natureza, inventada nos séculos XVII-XVIII. Era uma espécie de religião ateia, a qual negava todas as religiões cristãs (catolicismo, protestantismo, catolicismo ortodoxo). É a religião da natureza. É como se o Deus da natureza tivesse nos ensinado, por instinto, tudo que é certo. Do seu ponto de vista, a sociedade civilizada, no fundo, atrai a vaidade e faz com que os homens briguem uns com os outros. Portanto, o estado natural costuma ser superior ao estado civilizado. No entanto, uma vez que a civilização, muito complexa, e o Estado já existiam, não havia como fugir disso e voltar para floresta. Por isso, é preciso criar uma espécie de civilização que obedeça os instintos naturais e o Deus da natureza. Nesta civilização, cada pessoa tem que participar da criação de um contrato social e, uma vez estabelecido o contrato social, todo mundo deve obedecê-lo, porque se trata da vontade geral. A punição para quem desobedecer ao contrato é a perseguição. Se continuar desobedecendo-o, a prisão. Se insistir em desobedecer mesmo assim, a morte.

A Sociedade Organizada (Estado)

E como ficam os Estados, a sociedade politicamente organizada, as formulações estatais, para esses três pensadores?

Para Thomas Hobbes¹¹, é preciso estabelecer um estado absoluto com muita força, com poder de vida ou morte, que institua uma espécie de ditadura ou monarquia absoluta. Hobbes é o teórico das monarquias absolutas. Ele as justifica sem apelar tanto para religião, conforme faziam os teóricos antigos, que alicerçavam justificativas no direito divino dos reis. Hobbes não pensou muito nesse sentido. Ele tentou explicar, com uma figura bíblica e com uma análise da natureza humana, que é necessário um governo forte e absoluto.

John Locke¹², por sua vez, explica que é suficiente criar um sistema com o acordo entre as várias pessoas. Assemelha-se mais ao sistema liberal. É preciso ter um parlamento, que entre em acordo e que respeite os direitos naturais. Mencionei como direitos naturais a vida, a propriedade e a liberdade, mas tem um muito interessante que é o direito à rebelião, quando o governante descumpre o contrato e

¹¹ Estado Absoluto.

¹² Estado Liberal.

desrespeita os direitos naturais. Essa é uma visão mais liberal que vai impactar até na Revolução Americana. O Estado, portanto, é um Estado que respeita os direitos naturais e respeita o contrato firmado pela sociedade. É uma coisa mais direito, mais legal.

Para explicar Rousseau¹³, serei um pouco anacrônico, mas, para ajudar a imaginação de vocês, a visão dele é mais parecida com Cuba e a Venezuela de hoje. Rousseau criou um Estado como representação da vontade geral cujo desrespeito, enquanto desrespeito à vontade geral, deve ser punido com morte.

As teorias filosóficas e as práticas políticas

Um dos grandes leitores de Rousseau era Robespierre¹⁴, um dos maiores líderes jacobinos da Revolução Francesa, que matou 40 mil pessoas em praça pública, por considerá-las inimigos do povo. Só para vocês perceberem como as teorias filosóficas impactam as práticas políticas. O pensamento de Thomas Hobbes impacta Oliver Cromwell de modo que, quando chega ao poder, este não quer governar tanto com o parlamento. Ele acha que tem que ter a força e se impor, pois Thomas Hobbes disse isso.

Locke influencia a Revolução Gloriosa. Quando teoria que é preciso um acordo acerca dos direitos naturais, com respeito a um contrato, membros da família real negociam com o parlamento qual é o acordo entre eles. Estabelece-se o *Bill of Rights*. Os revoltosos apresentam uma declaração de direitos como o acordo a ser firmado. Os membros da família real assinam e é feito o acordo. Isso é bem lockeano.

Quando acontece a Revolução Francesa, esta é tomada como a vontade geral do povo e quem estava contra ela, era considerado inimigo do povo, e, como inimigo da revolução, tinha que ser morto. É por isso que eu acho Rousseau muito perigoso e o Brasil adora falar dele.

As influências rousseaunianas

Pergunta: Rousseau afirma que o homem tem instintos bons e que o sistema civilizado é inferior. Seria correto afirmar que essa história de vítima da sociedade tem alguma ligação com essa linha de Rousseau?

¹³ Estado da Vontade Geral.

¹⁴ Maximilien de Robespierre, advogado (1758 - 1794).

Tem, embora remota. Marx leu Rousseau e sei que, aqui no Brasil, Rousseau é colocado como um autor respeitável. A USP adora Rousseau. De fato, há um vínculo. Teve muitos teóricos posteriores a Rousseau que já desenvolveram essa ideia. É como se a tecnologia tivesse sido aprimorada. O Rousseau é o primeiro. Ele lançou isso. Por exemplo, ele escreveu um texto que foi premiado chamado “A origem da desigualdade entre os homens”, em que explica a desigualdade pela propriedade. Para ele, a propriedade é um crime. No início do livro, afirma que a desigualdade começou quando o primeiro homem cercou um pedaço de terra e disse ‘isto é meu’. Só deveria existir a propriedade de uso. O que você está usando é seu. O que você não está usando, não é seu. Rousseau dá início a essa ideia que Marx desenvolverá depois, quebrando o direito à propriedade. Ele é o primeiro dessa série de pensadores anti-propriedade, anti-liberais e até socialistas. Não podemos classificá-lo como socialista porque ele não utilizou essa palavra e não havia um movimento socialista na época. Certamente, ele é um inspirador.

As influências Lockeanas e hobbesianas

John Locke, por sua vez, é uma espécie de inspirador da visão liberal. A constituição é um contrato social. Thomas Hobbes saiu de linha. Ele justifica ditaduras. Há muitas pessoas, hoje em dia, que são intervencionistas e pensam como ele, que, sem ditadura e sem força, um vai sequestrar, roubar e matar o outro. Tem que ter um governo forte cujo desrespeito deve ser punido com a prisão, a tortura e a morte. Ele saiu um pouco de moda, mas ainda há quem acredite nessas ideias. Eu acho que Thomas Hobbes tem um quinto de razão. Estou sendo tão preciosista na quantidade porque estudei uma teoria de desenvolvimento moral que dizia que ou um quinto ou um sexto das pessoas só obedece regras mediante ameaça. Por isso, estou dizendo. Aí, só o Thomas Hobbes. A teoria do Thomas Hobbes, “Leviatã”, deve funcionar para presídios, deve ser a mentalidade contra os criminosos. Se todos fôssemos criminosos, como Thomas Hobbes afirma que somos, o Leviatã funcionaria. Só que não somos todos criminosos. Se todos nós fôssemos assassinos, estupradores e ladrões, somente um policiamento duro poderia nos fazer parar. Thomas Hobbes pressupõe que as pessoas sejam assim. Por isso, só um policiamento exagerado e duro e com punição severa vai fazer com que as pessoas tenham o mínimo de civilidade. Ele está certo para presídios, para comunidades onde você não tem um grau de educação, de famílias estruturadas, de transmissão de

valores, de religião. Quando você não tem isso, as pessoas estão matando e roubando umas as outras. De fato, o que vai funcionar é alguém mais civilizado impor limites. Então, não acho que Hobbes é delirante.

Sabem como Thomas Hobbes nasceu? A maior marinha da época, chamada Invencível Armada, era a espanhola. Sua mãe estava grávida dele quando esta estava se aproximando das praias inglesas. Ao ser informada da aproximação, a mãe de Hobbes teve o parto prematuro dele. Nessa situação, morrendo. Então, Thomas Hobbes nasceu do medo. Ele é filho do medo. A Invencível Armada acabou sendo derrubada por uma tempestade e foi vencida pela marinha menor, que era a inglesa. A partir daí, a marinha inglesa se torna a primeira. Depois, Hobbes viveu no período das revoluções puritanas, em que se desconfiava do próprio vizinho, porque ninguém sabia a religião de ninguém. Todo mundo fingia. E um podia matar, roubar, sacanear o outro. Então, é o que ele viu em volta dele. É mais desenvolvido do que isso. Ele percebeu como o entorno dele funcionava, criou uma visão psicológica e a partir daí criou a visão política. Era uma obra de maturidade. Ele tinha sessenta e tantos anos. É uma obra de filósofo maduro. No entanto, ainda acho que ele errou mais do que acertou, naturalmente.

Acho que o Locke acertou mais do que errou. Ainda assim, é uma visão muito confiante. Eu nasci em 1983, na época do regime militar. Em 1988, tivemos a constituição. Eu não participei, era pequeno. Quando eu fiquei adulto, estudei direito e vi, achei-a ruim. Então, pensamos 'eu não participei do contrato'. Não há a situação do John Locke. A mesma coisa do Rousseau. Você nasce em uma sociedade que já tem a vontade geral pronta e você não pode sequer falar que discorda. No John Locke, ainda é possível discordar e tentar, com o tempo, consertar. Locke era muito otimista. Para consertar, era preciso virar político, ou escrever e ser muito influente, ou participar ativamente da política. É quase impossível. A visão do John Locke é que todos os homens têm que ter uma vida pública. Caso contrário, você não participa do contrato e vai ter que aceitá-lo. No caso do Rousseau, está pronto, a vontade geral é aquela. John Locke e Hobbes achavam que era preciso abdicar um pouco da liberdade para existir segurança, para existir o Estado. Rousseau dizia o seguinte: 'a vontade geral não vai precisar que você abdique de ser livre. Pelo contrário, é vivendo na vontade geral que você vai ser livre. Se você mudar de ideia, vamos te obrigar a ser livre'. Está escrito no livro dele chamado "Contrato social" - 'vamos obrigá-los a serem livres'.

As referências bibliográficas

Quais são os livros nos quais estão consignadas essas ideias? No caso do Thomas Hobbes, é “Leviatã”. No de Locke, “Segundo Tratado sobre o Governo Civil¹⁵”. O “Primeiro Tratado” é uma questiúncula mais voltada à Inglaterra. É uma leitura mais demorada, mais dificultosa, muito mais voltada a quem estuda a história das ideias políticas. Quem estuda as ideias políticas que ainda estão em vigor, em destaque, é melhor ler “Segundo Tratado”. No caso de Jean Jacques Rousseau, eu já falei da “Origem da desigualdade entre os homens”, mas o principal livro dele é “Do Contrato Social¹⁶”.

MONTESQUIEU

Partiremos para segunda parte da aula, em que trataremos do Montesquieu, dos fundadores dos Estados Unidos e do José Bonifácio.

Montesquieu¹⁷ antecede Rousseau, mas o deixei para depois porque, por incrível que pareça, influencia mais a revolução americana do que a francesa. Montesquieu gostou da formulação inglesa, que deriva de John Locke, deriva das tradições inglesas, deriva do chamado *Common Law*, uma espécie de tradição inglesa de direito consuetudinário. Essa palavra difícil quer dizer que os costumes criam direitos e não as leis escritas criam costumes. É algo que os ingleses adoram e têm muito orgulho disso, de que os costumes deles são leis, os costumes estabelecidos desde a família real. Se vocês assistirem à série “*The Crown*”, verão que Elizabeth teve umas poucas aulas de direito constitucional, porque a constituição nem escrita é. Como funciona a relação da rainha com o primeiro-ministro? É o que sempre foi. É bem tenso estudar o direito consuetudinário inglês.

Na França, não havia esses hábitos, mas sim um governo absoluto, estabelecido por um católico, os luíses. Luís XIV¹⁸ foi o mais expressivo nessa maneira de governar de forma absoluta, querendo impor a sua visão e, inclusive, a

¹⁵ “Dois Tratados sobre o Governo é uma obra de filosofia política publicada anonimamente por John Locke no ano de 1681.

¹⁶ “Do Contrato Social” ou “O Contrato Social” é uma obra do escritor suíço Jean-Jacques Rousseau, considerada por muitos como uma de suas obras-primas, parte de uma obra mais extensa, as instituições políticas, que, por não ter sido completada, teve suas partes menos importantes destruídas pelo autor.

¹⁷ Filósofo (1689 - 1755).

¹⁸ Rei da França (1638 - 1715).

sua religião aos povos vizinhos. Luís XIV era um rei absolutista, intransigente, ditatorial. Deste ponto de vista, até acho que era um mau católico, porque a visão de São Tomás de Aquino não coaduna com sua visão tão absolutista e tão intransigente. Diante deste cenário, Montesquieu se questiona por que o sistema inglês funcionava. Ele estuda a Inglaterra e, ao retornar para França e comparar, entende que a França só funcionará do modo contrário. Escreve-se como funciona e, assim, criamos a lei¹⁹. A partir da lei, estabelecemos costumes melhores. Daí vem o livro dele, chamado “O Espírito das Leis²⁰”. A lei, no mundo latino, que é o nosso, inclusive, tem de ser escrita. Por isso, o pessoal que estuda direito precisa ter o *vade mecum* gigante, e que ninguém sabe. Nem o estudioso de direito sabe tudo aquilo. Derivamos do modelo jurídico francês. Há muito texto e pouca tradição.

OS AMERICANOS

Os americanos herdaram as tradições inglesas, mas gostaram de Montesquieu pois este ensinou, por escrito, como formar repúblicas. Os americanos, ainda não independentes, se sentiam cidadãos de segunda classe, porque eram obrigados a servir na guerra e a pagar os impostos, mas não tinham direito de participar do parlamento. Então, revoltam-se e criam um governo do nada. Eles tinham comunidades autogeridas e debates internos, ou seja, tinham tradição política, mas não tinham uma reflexão bem estruturada, tomando, para isso, as ideias de Montesquieu. Ao se separarem da Inglaterra, têm, com Montesquieu, toda uma inteligência política, uma vez que escreveu acerca de vários aspectos governamentais: as características das melhores repúblicas, a forma como as eleições devem funcionar. Assim, usam Montesquieu como uma espécie de manual e criam o sistema americano.

O sistema americano é original. Não corresponde exatamente ao que Montesquieu escreveu e nem exatamente à tradição inglesa. Da tradição inglesa, os americanos absorveram as tradições dos direitos naturais, as ideias de John Locke, de direito à vida, à propriedade, à liberdade, e, até mesmo, à rebelião, mediante o desrespeito do rei ao acordo social. De Montesquieu, utilizam os ensinamentos

¹⁹ A partir da lei, criam-se os costumes melhores.

²⁰ “Do Espírito das Leis, publicado em 1748, é o livro no qual Montesquieu elabora conceitos sobre formas de governo e exercícios da autoridade política que se tornaram pontos doutrinários básicos da ciência política.

acerca de como criar uma república. Montesquieu defendia que a república tinha de ser um território pequeno. Os americanos criam o federalismo, dando origem a uma república grande, dividida em pequenas repúblicinhas que se unem. Por isso, a ideia dos Estados Unidos. São repúblicas pequenas que se uniram. As repúblicas são, portanto, os estados. Originalmente, era isso. Eles aprenderam como criar repúblicas com Montesquieu e criaram um modelo diferente para um território grande.

Comentário: o senhor mencionou os modelos inglês e francês, sendo que o primeiro parece ser muito superior. O sistema brasileiro derivou do sistema francês. Existe um processo para modificar o sistema brasileiro? Até porque, por uma questão pessoal, eu acho o federalismo muito funcional. Gostaria de vê-lo aplicado no Brasil. Se existe uma saída, qual seria ela?

Tem coisas no universo que só acontecem no Brasil. Na verdade, nem tudo derivou do direito francês. Derivou, do direito francês, esse aspecto de uma prolífera elaboração de leis. Por exemplo, o direito civil é uma criação de Napoleão Bonaparte. Essa questão de precisar de uma lei, pois não há tradição, é do Montesquieu. Isso nós herdamos. Depois, copiamos um pouco dos Estados Unidos, da Alemanha. O Brasil tem o seu modo de estragar tudo. Eu gosto do Brasil e sou otimista quanto ao seu futuro, caso contrário, não estaria aqui, mas precisamos fazer o que os americanos fizeram: resolver o nosso problema do nosso modo. Não é nesta aula que vou dizer as minhas ideias e que vamos resolver o problema do Brasil. Esse não é o objetivo da aula. O objetivo é que vocês conheçam esses autores e estejam preparados para enfrentar essas obras.

Os americanos, primeiro, têm uma experiência de confederação. O federalismo é criado depois. A confederação era uma espécie de União Europeia daquela época. Cada estado dos Estados Unidos era um pequeno país. A união era muito frágil. Era um parlamento, não tinha presidente. O presidente é criado depois. Por dez anos, eles experimentam um parlamento, tipo o parlamento europeu, e começam a se desentender acerca de várias questões: limites marítimos de cada um, limites territoriais, quem estabelece comércio com exterior. Eles começam a brigar entre si enquanto estão no meio de uma guerra contra a Inglaterra. Eles percebem que daquela forma não iria funcionar e que era preciso um governo forte. Vários estados protestaram que o rei havia sido mandado embora para ser substituído por outros tiranos mais próximos. No filme "O Patriota", tem uma frase muito legal que expressa isso. O homem diz "nós vamos trocar um tirano - não lembra qual distância -, por

quinhentos a uma légua de distância”. Ou seja, eles não queriam estabelecer uma tirania interna também, porque caso criassem um governo central forte, surtiria o mesmo efeito. Aí tem início as discussões, nas quais alguns autores escrevem artigos de ciência política que, para mim, são clássicos, que vão ser reunidos nos chamados artigos federalistas. Primeiro, criam uma convenção para discutir a constituição. Algo bem lockeano também, essa ideia de criar um contrato. Os representantes de cada um dos estados fazem o texto da constituição, que é a que existe até hoje. Só que não era suficiente escrever o texto. Era preciso aprová-lo em cada um dos estados. Para isso, foram realizadas as convenções estaduais, na qual o texto era ou não ratificado. A ratificação é a aprovação da aprovação. Nova York, Virgínia, não queriam aprovar. Na Virgínia, houve um debate em que um expositor falou por oito horas seguidas. O rebatedor respondeu em sete horas seguidas. Era Patrick Henry falando contra a constituição. Depois, veio o James Madison falando a favor da constituição. A série “John Adams” mostra um pouco disso, mas na declaração da independência. A constituição foi pior. Os debates foram intermináveis, e eles ficavam sem comer. Acaba que eles conseguem ratificar. Eles dão um jeito porque em *Rhode Island*, porque, na primeira tentativa, a constituição não foi aceita. Eles fazem uma segunda votação depois de uma discussão. É só assim que surge a constituição dos Estados Unidos e o federalismo. Eles criam o governo federal, que é centralizador. Usamos o termo federalismo justamente para aumentar o poder e autonomia dos estados federados. A discussão deles era, na verdade, em prol da centralização, pois estavam muito distanciados. O problema do Brasil, hoje, é outro. A centralização é muito grande. O problema da época era a descentralização muito grande. Os artigos federalistas são textos de jornal, públicos, escritos em *New York*, em que se explica, detalhe por detalhe, porque a constituição é boa. Eles são fantásticos, conseguem convencer as pessoas e é aprovada a constituição. Esse é o grande dos Estados Unidos.

JOSÉ BONIFÁCIO

No Brasil, havia uma circunstância muito particular, que só o Brasil mesmo. Primeiro, o rei europeu veio para cá. O príncipe regente D. João²¹, que, posteriormente, tornou-se rei D. João VI, mudou-se para o Brasil e estabeleceu, no

²¹ Rei (1767 - 1826).

centro do Rio de Janeiro, a capital do império. Portugal, portanto, tinha por sede o Rio de Janeiro. Algo louco.

Segundo, depois, D. João VI é chamado por uma revolução. A revolução americana aconteceu na América. As revoluções dos países da América espanhola aconteceram na Argentina, no Chile. A do Brasil acontece em Portugal, a revolução do Porto. Tudo ao contrário. A revolução exige que o rei volte para submetê-lo à constituição que haviam escrito. Com a volta do rei para Portugal, acontece o dia do Fico, quando Dom Pedro permanece no Brasil como príncipe regente.

O homem responsável por inventar o Brasil e transformá-lo no país que conhecemos foi José Bonifácio²². Inicialmente, Bonifácio defendia a manutenção da união do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarve. No entanto, ao perceber que a revolução do Porto queria submeter o Brasil a um estatuto colonial, compreende que não há como manter a união e afirma que D. Pedro precisava ficar no Brasil, caso contrário, os pedaços do Brasil, parecido com os Estados Unidos, quebrariam-se. Os Estados Unidos haviam conseguido se unir por meio de um governo federal, estabelecido por uma constituição. No Brasil, essa unidade seria feita como?

José Bonifácio entendeu que apenas com um rei era possível manter essa unidade, pois as pessoas só reconheciam a figura da Coroa. O Brasil era quase todo analfabeto. Não havia um monte de gente deliberando ciência política. Não havia universidade aqui. Nos Estados Unidos, desde o século XVI-XVII, havia a universidade William and Mary, em homenagem àqueles reis. No Brasil, a elite estudava ou em Coimbra ou em uma cidade francesa, cujo nome não me recordo. Então, eram poucos estudados. Era uma elite pequena. José Bonifácio era um deles. Na verdade, não só era um deles como também era o maior, pois tinha estudado em Coimbra, na Alemanha, na Itália, na Dinamarca. Enfim, ele viajou para diversos lugares.

Um projeto para o Brasil

Além disso, Bonifácio era antirrevolucionário. Entre 1790 - 1791, ele havia estudado em Paris e presenciado os rumos da revolução francesa. Viu pessoas morrendo por causa de política e considerou aquilo uma anarquia, algo que não devia ser feito. Bonifácio combateu os brasileiros que queriam implantar a república com o

²² Naturalista (1763 - 1838).

argumento de que, em primeiro lugar, os Estados Unidos não era como os Brasil, e que ambos países não tinham uma situação semelhante. Em segundo lugar, que a inspiração francesa levaria a mortes e a fragmentação do Brasil em pequenas repúblicas. Foi justamente o que aconteceu com a América espanhola. Os revoltosos desta se inspiraram na França e se desmembraram em diversas repúblicas. Por isso, era preciso manter a Coroa e o príncipe. Com essa ideia, Bonifácio convence D. Pedro I que, a bem da verdade, ainda não era D. Pedro I, era príncipe regente. Leopoldina²³ concorda com esses planos. Ela queria ficar aqui, manter o Brasil, pois gostava muito do país. Embora a ideia tenha sido do Bonifácio, essa foi a tríade que fundou o Brasil. Bonifácio contribuiu com a invenção teórica, com os projetos para o Brasil. Leopoldina, inteligentíssima, muito culta, entendeu os projetos de Bonifácio e os partilhou com ele. D. Pedro I²⁴ foi o homem que tinha responsabilidade pela Coroa e tinha, também, a coragem de implementar isso.

Documentação histórica

Quais são os textos fundamentais para compreender essa época?

Textos que ninguém visita. Por exemplo, nós temos duas declarações de independência e ninguém sabe. A primeira é de 1 de agosto de 1822, ou seja, um mês antes, que é uma declaração escrita pelo grupo “A francesa”. É uma declaração aos brasileiros. A outra, é escrita por José Bonifácio, é endereçada ao exterior, aos outros países. É declaração às nações amigas. A declaração de independência dos Estados Unidos foi escrita por Thomas Jefferson, um homem sintético. O Bonifácio e o Gonçalves Ledo, que são os autores dessas duas declarações, escreveram a história do Brasil inteira e mostraram por que era necessário desfazer os vínculos. Antes do sete de setembro, nós já tínhamos as nossas declarações.

Depois, tem como documentação, também, as cartas que convidam ao sete de setembro. São cartas simples. A Brasil Paralelo mostra esses trechos no capítulo 4 da série “Brasil: A Última Cruzada”. Nós temos, igualmente, textos avulsos do José Bonifácio reunidos em algumas coletâneas por aí. A melhor é o site www.obrabonifacio.com.br, estabelecida pelo Jorge Caldeira. Jorge Caldeira também as lançou em forma de livro, na coleção “perfis brasileiros”. Tem uma versão da

²³ Imperatriz do Império do Brasil (1797 - 1826).

²⁴ Imperador do Brasil (1789 - 1834)

Miriam Dolhnikoff, mas está fora de edição. Você só vai encontrá-la em sebo. Chama-se “Projetos para o Brasil”. Também é uma coletânea. Ou seja, não tem nem organização textual, porque eram cadernos, diários, cartas, tudo reunido, para entendermos. Mas é só a escrita de Bonifácio que nos mostra qual era o pensamento do Brasil.

O que era? Em síntese: primeiro, força e unidade, para unir todos os pedacinhos de Brasil, porque o Brasil tinha sido capitania hereditária, depois, capitania real. Depois, o governo geral. Depois, foram estabelecidos dois estados, do Maranhão e do Brasil. Depois, vices-reinos e, por último, o reino do Brasil com Dom João. Então, só vira uma coisa só com D. João. E o Bonifácio queria preservar essa coisa só. Ele chamava peça inteiriça da natureza. Força e unidade é só a Coroa. Não era uma constituição, era uma Coroa. Manter D. Pedro aqui era muito importante. Em segundo lugar, queria promover o espalhar das luzes, que era a alfabetização geral, a catequização dos índios, a libertação dos escravos e sua profissionalização, e a fundação de universidades. Tudo isso no Primeiro Reinado. Ele já previa tudo. Não aconteceu nada, mas ele previu tudo. A gente fica até triste de pensar que podia ter dado certo. Brasil é sempre assim. Foi quase. Depois disso, estavam também elaborando um projeto de constituição que acabou se transformando na Constituição de 1824, que foi uma coisa boa. Ela está um pouquinho inspirada nas ideias dos Andradas, do Bonifácio e do irmão dele. Mas ela foi modificada por um Conselho chamada pelo D. Pedro I. Também é um documento a se estudar, a constituição de 1824. É um documento que vale a pena visitar para conhecer como era a formulação estatal do Brasil.

A natureza humana

O que Bonifácio pensava sobre a natureza humana? Ele leu Voltaire, leu Rousseau, leu Condorcet, ou seja, leu vários autores franceses. Além disso, leu alguns ingleses, como Burke.

Bonifácio começa olhando para os seres humanos em geral e, depois, centrava-se nos brasileiros. Ele falava muito sobre como é o caráter do brasileiro. Para Bonifácio, em geral, as pessoas podem ser educadas e treinadas. Ele pensava que Rousseau podia ter um ponto de razão e Thomas Hobbes também, no sentido de que alguns selvagens só são ingênuos. Para Bonifácio, eles são bons homens. Isso é, um bom homem por instinto. Ele tem o instinto de fazer o que é certo, mas não

são homens bons, porque não tem a educação e autoconsciência para serem bons. Por isso, era preciso, pela educação, transformar bons homens em homens bons. Bonifácio acreditava que as pessoas são transformadas pela educação filosófica e científica. Por isso, entendia que ao dar a melhor educação para um índio, era possível originar dali um Newton ou um Leibniz. Podia surgir um grande autor. Então, era preciso espalhar a educação, algo em que confiava muito.

Ele tinha essa ideia de que a natureza humana é muito moldável, era muito crente na maleabilidade da natureza humana. Ele queria malear as pessoas pela lei e pela educação. Nisso, há um aspecto muito legal do Bonifácio, de acreditar no brasileiro. Por outro lado, é um pouco de soberba, de achar que estabeleceria o governo perfeito e que, como sábio, educaria todo mundo, tornando-os todos perfeitos. Isso não deu certo. Acho que nosso patriarca confiou muito em si. Quando o retiraram do poder, acabou. Bonifácio tinha que ter transigido mais. É o nosso problema até hoje, a dificuldade de estabelecer parceria, dificuldade de transigir com as elites e de ir, aos poucos, fazendo as coisas. Quem chega no poder quer resolver tudo de uma vez. É o nosso drama até hoje.

Como Bonifácio via o brasileiro em especial? Ele entendia que o brasileiro, em especial, era dotado de grande capacidade imaginativa e artística. No entanto, não é muito disciplinado e nem perseverante. Era preciso sempre transformar tudo que se fazia em algo muito estimulante, muito alegre, caso contrário, os brasileiros não acompanham. Acho isso muito interessante. Até hoje eu acho que é assim. Quando leciono, tenho que ter entusiasmo, energia, alegria, senão não dura muito tempo, a atenção some. Na China, no Japão, na Alemanha, todo mundo se sente sob chicote e funciona. O índio brasileiro preferia morrer a ser escravizado. Então, somos muito rebeldes. Entretanto, se fazemos algo mais alegre, mais divertido, funciona. Bonifácio dizia que os brasileiros têm muito amor pela liberdade, pela discussão, pela participação. Então, o brasileiro poderia ter esse espírito público, desde que o governo desse espaços. Ele dizia que os brasileiros seriam os atenienses da América em criação artística, participação na política, se não fossem submetidos por governos despóticos. Eu gosto dessa frase dele, porque é uma confiança muito grande nos brasileiros. Poderíamos criar uma democracia ou debaixo de monarquia ou de república, mas poderíamos ter uma democracia pujante se os brasileiros não fossem submetidos por poderes que esmagassem as suas capacidades.

José Bonifácio não organizou seu pensamento. Estou fazendo esse esforço. Acho que ele tem uma formulação bem própria, marcada por uma visão cristã, de catequizar. No caso dos índios, por exemplo, ele queria ensinar o rosário, por mais que confiasse muito na educação, não falava em alfabetizar, falava em catequizar. Para ele, a civilização passa pela catequização. Ele passava por uma espécie de educador católico. Acho que aqui entra o pecado da soberba. Ele tinha um pouco dos delírios dos iluministas que eram os déspotas esclarecidos. Ele achava que, como era o homem mais esclarecido, se tomasse o poder, conseguiria fazer tudo funcionar. As dicas que Diderot e o Voltaire davam aos reis russos era que um homem esclarecido faz tudo acontecer. Bonifácio tinha essa crença, mas também queria esclarecer o povo, espalhar as luzes. Ele não conseguiu, mas acho que ainda podemos revisitar o sonho dele, melhorá-lo. Bonifácio entendia que era preciso ter liberdade. Ele afirmava que o brasileiro pode ser democrático, porque gosta de participar, gosta de alegria, de vivacidade, de discutir política. Dizemos que não, mas gostava desde aquela época. Ao mesmo tempo, Bonifácio dizia que tinha que ter força e unidade. Isso está na mente do Bonifácio. Essa dificuldade entre ordem e liberdade. Todo segundo reinado foi uma dificuldade de entrosar a ordem, representada pelo partido conservador, com a liberdade, representada pelo partido liberal. É como se a mente de Bonifácio tivesse estabilizado essas duas forças, mas, na prática social e política, isso é muito difícil. E até hoje nos batemos com isso também.

Tem algumas pessoas que defendem liberdade que, se aceitarmos todas essas liberdades que solicitam, vão nos levar a uma espécie de descarrilamento, saímos do trilho e pode dar errado, pode perder até a própria liberdade.

Por outro lado, se a ordem fica imposta demais, perdemos as noções das liberdades e algum cabeçudo pode conduzir o governo mal. Isso é muito sutil. Eu acho que ele tinha isso e não percebia que as outras pessoas não tinham. Não é natural. É difícil ter esse equilíbrio.

Então, o Brasil tinha que ter a Coroa como unidade, caso contrário, não seria uno, quebrando-se em várias repúblicas pequenas. A maior experiência política brasileira com uma constituição foi a do império. Isso já faz parte da nossa experiência política e teremos que resgatar. Além disso, havia essa confiança na possibilidade da educação. Isso até hoje existe, e vem do Bonifácio. Isso é muito mal usado. Acham que basta dar dinheiro para o Ministério da Educação ou que os professores resolvam todos os problemas. É uma crença que tem um pouco de verdade e tem uma grande

mentira. Como entrosamos isso? Acho que o sonho do Bonifácio aponta para um bom caminho, mas precisamos ainda interpretá-lo bem e atualizá-lo adequadamente.

Reparem que não é possível apenas imitar os Estados Unidos. É claro que muitos aspectos se modificaram desde aquela época. Tentamos o federalismo, tanto com a constituição de 1891 quanto com essa constituição atual, de 1988. Mas não houve nenhum equilíbrio. O segredo do federalismo não é só centralizar ou descentralizar. É equilibrar adequadamente para a natureza daquele povo. Acho que agora estamos desequilibrados por um excesso de centralização. Precisamos reequilibrar.

O QUE CADA UM NOS ENSINA?

O que podemos aprender com os franceses?

Com os franceses, podemos aprender com Montesquieu. Há alguns erros que ele cometeu, mas, no geral, fez um estudo sobre lei política muito interessante, que até hoje pode nos ensinar. Até a doutrina da separação dos poderes, de criar poderes que se vigiam uns aos outros, é muito interessante. No Brasil, funciona mal.

Com os ingleses, podemos aprender que já experimentaram tanto um governo absolutista filosoficamente justificando quanto um governo liberal filosoficamente justificado. Podemos verificar o que funciona melhor e o que funciona pior.

Com o Bonifácio, temos muito que aprender também. Precisamos aprender a depurar os sonhos do Bonifácio, de modo que os enganos contidos nesses sonhos não nos conduzam a piores caminhos. Os comunistas, por exemplo, transformaram suas ideias. Eu não sei se vocês sabem, mas muitos petistas gostam do Bonifácio. Eles tentaram justificar o Foro de São Paulo com as ideias dele. Cristovam Buarque falou em nome do Bonifácio. Eles gostam porque, do meu ponto de vista, interpretam-no erroneamente e o descontextualizam-no. O Brasil ainda tem que visitar os seus próprios pais fundadores, entender e absorver a sua experiência histórica e, a partir daí, dar os próximos passos. Não é só imitar os outros e, tampouco, só interpretar de orelhada o pensamento dos nossos próprios intelectuais.